

AS PRÁTICAS DOCENTES EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA NA ESCOLA MUNICIPAL ALICE GARCIA FREIRE EM BOM JESUS – RN: REFLEXÕES ACERCA DO ESTIGMA NO PROCESSO PEDAGÓGICO

Maria de Fátima da Costa Borges¹
Anderson Matias Cardozo²

RESUMO: Nossas inquietações ao presente estudo se voltam na busca de uma reflexão teórica acerca da categoria indisciplina, confrontada com o universo empírico de uma escola municipal do município de Bom Jesus, no Estado do Rio Grande do Norte. Delimitaremos como objeto de análise estudantes das séries iniciais do ensino fundamental. Trata-se de uma problematização da apreensão da indisciplina pelos/as professores neste espaço, e seus efeitos sobre o ambiente mais amplo da escola. Nesse sentido, buscaremos revisitar os elementos sociológicos que permeiam a ideia da indisciplina, considerando que a socialização dos sujeitos produz diferentes posturas e pensamentos na vida social, e sendo a instituição família papel central nesta constituição humana. Assim, pensamos na ideia de que a indisciplina também resulta de processo sócio histórico, e não decorrente de uma naturalização dos corpos e seus comportamentos. Explorar criticamente esses fenômenos serão nossa principal investigação analítica, e para isso, mergulhar na visão que professores e professoras têm dessa categoria - indisciplina - será o principal substrato para relacioná-la com suas didáticas e pedagogias postas em prática em seu cotidiano profissional e, conseqüentemente na influência que exerce na escola que habitam.

Palavras-chave: Indisciplina. Disciplina. Professor. Família. Escola.

1. INTRODUÇÃO

O espaço escolar, em meio a sua complexidade, com atores sociais, trajetórias individuais, culturas, expectativas, pedagogias e didáticas nos desafia a pensar caminhos e ideias que atendam a um projeto de inclusão social, combate às opressões, preparo para o mercado de trabalho e uma formação humana que contemple a realidade de um mundo globalizado e plural.

Um cotidiano multifacetado, que se apresenta com aulas, conteúdos, notas, comportamentos, horários e uma divisão social do trabalho. Um processo que se mostra protocolar e até mecânico, num ordenamento de ações e performances em grande medida, previsível. E, qualquer ameaça a esta “ordem” se caracteriza como desagregação e fracasso. E a categoria que surge como representativa dessa ameaça é a *indisciplina*. E é a partir dela que nossos esforços se lançarão para percebê-la dentro de uma discussão teórica, e em confronto com a realidade empírica do objeto.

¹Mestranda, Veni Creator Christian University.

²Doutor, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG.

Portanto, para fundamentar teoricamente a discussão, buscaremos contribuições de autores que abordam o tema da indisciplina, percebendo-a em sua interface entre escola e família, em elementos afetivos que circulam por esses espaços e, sendo um dos alicerces para a construção sociológica do sujeito aluno. Aos profissionais de educação a apropriação pedagógica referencia o olhar e as práticas didáticas para a formação dos estudantes. E é a partir da interação entre esses dois universos que problematizaremos os elementos comportamentais e seus afeitos sobre formação, julgamentos, estigmas, inclusão e exclusão de alunos e alunas. Em outras palavras, teremos na apropriação da ideia de indisciplina a categoria para nossas análises.

Tomando pela compreensão do que são comportamentos indisciplinados de estudantes, ações são planejadas para guiar posturas e didáticas de gestores e professores, tendo em mente que são esses agentes os principais motores de mudanças e promotores de sucesso escolar. Portanto, a chave para resolução de conflitos, na tentativa de manter a boa convivência, bons relacionamentos, bom aprendizado e posturas aprovadas por parte destes alunos.

Como afirma Lourenço, (2007, p. 26).

A escola atual exige o esforço coletivo de todos envolvidos no processo educativo, como professores, funcionários, gestores, familiares e alunos, assim o educando assimila conhecimentos e desenvolve hábitos e atitudes de convívio social, como a cooperação e o respeito humano.

3003

A indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores. Os grandes responsáveis pela educação de crianças, adolescentes e jovens, como a família e a escola não estão sabendo ou conseguindo cumprir seu papel (nesse julgamento), lembrando que a indisciplina é tomada como fator que mais prejudica a aprendizagem e dificulta a adequada formação da criança na direção de sua maturidade.

Neste sentido, Lourenço (2007, p. 26). Afirma que:

Na instituição, os educandos e educadores constituem um grupo social que ocupa, sem dúvida nenhuma, um espaço, a sala de aula, e é a partir dessa constituição que passa existir a interação social que processa da relação professor/aluno e aluno/aluno.

Castilho (2003) oportunamente citado por Giancaterino (2007 p. 88) nos dá uma ideia de família, considerando esta um sistema complexo de relações em que seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento.

A família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da

identidade. [...] A família é um sistema que se modifica no tempo, um sistema vivo. Seu processo evolutivo consiste em um avanço progressivo até novos estágios de desenvolvimento e crescimento. Isso se dá na recuperação do tempo, na integração do novo com o velho, do horizonte futuro com o presente e experiência passada.

No entanto, a escola sofre reflexos do meio em que está inserida. O problema disciplinar é, frequentemente, repercussão dos conflitos da família e do meio social envolvente.

As pessoas que rodeiam o aluno, mais propriamente em seu ciclo de parentesco, influem muito no seu comportamento, pois a criança nasce no seio desta, sendo, portanto, os pais os primeiros educadores. Em outras palavras, trata-se do processo de socialização primária, que se caracteriza pela introjeção das regras sociais no sujeito recém-chegado na sociedade (com uma estrutura de valores e cosmovisão do real), por meio do elemento afetivo. Uma instituição social estruturante do sujeito social, mas marcada pelas condições de classe, raça, gênero, origem e formação intelectual. A extraordinária influência dos que quotidianamente tratam com os alunos reflete-se em muitos dos atos praticados por eles. A ação da família começa desde o berço, muito antes da ação da escola. Sendo a importância da ação familiar na tarefa educativa reconhecida pela escola, impõe-se uma íntima colaboração, que deverá significar a ajuda mútua na consecução do ideal educativo.

3004

Para uma educação idealmente construída, a disciplina deveria ser consequência voluntária da escolha livre e, como consequência da disciplina, a liberdade deveria enriquecer-se de possibilidades.

O clima da aula deve ser de liberdade e de tolerância, de modo a permitir que os alunos tomem consciência dos seus valores e ajam em sintonia com eles. A autonomia conduz à autodisciplina, não significando, no entanto, que o professor tenha uma atitude de indiferença ou de apatia perante os alunos. Pelo contrário, as suas atitudes, embora democráticas, devem ser firmes.

Tradicionalmente, o clima da aula era caracterizado pela quietude, pela criação de indivíduos dóceis, que participavam na aula como meros receptores, o que tinha como consequência a rapidez do ato pedagógico. Desenvolvia-se pouco a capacidade crítica e a iniciativa individual, pois não lhes eram permitidos esse direito nem estimulado essa ação.

Em nossos dias, cada vez é mais difícil estabelecer a disciplina aos moldes tradicionais, confrontando-se com as novas expressões e performances dos sujeitos do século 21, globalizados e conectados virtualmente em suas novas linguagens. É que, hoje, a posição

do aluno é muito diferente da que conheceram suas gerações anteriores, caracterizadas por modelos homogêneos e estáveis. Assiste-se atualmente mudanças nessas estruturas, com questionamentos, rapidez e transitoriedade nas verdades estabelecidas, e, sobretudo, mais autonomia e criticidade às antigas autoridade e regras. Significa dizer que as instituições entraram em crise, mudando-se de configuração e valores, onde deixa de operar como componente inflexível e fechado às mudanças sociais. Tanto as instituições socializadoras quanto o estudante são constituídos historicamente, modificados no espaço-tempo.

E nesta construção do sujeito destacamos a centralidade do universo afetivo e emocional, e percebidos também por Maria da Conceição Santana e Dorotéia Martins Garcez (2003) em artigo intitulado de: a importância da afetividade na Educação, onde apontam para as emoções e a afetividade quando apropriadas nas atividades do sujeito lhes rendem efetivos interesses.

Portanto, os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de valorização e carência afetiva; os filhos de pais superprotetores não possuem autonomia própria. Como consequência, surge a possibilidade por parte desses filhos de obter recursos internos para lidar com situações diversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Hoje, vive-se numa sociedade em que a unidade familiar se encontra desgastada, sem que o lar possa oferecer aconchego, uma vez que os pais, graças às deslocamentos para o emprego e às longas jornadas de trabalho que lhes asseguram a subsistência, deixam de estarem presentes nos momentos mais difíceis e importantes de seus filhos.

Este tema é, sem dúvida, demasiado vasto. Tendo em consideração a sua amplitude, serão tratadas apenas algumas vertentes, numa perspectiva não totalizadora, mas como de ponto de partida para outras abordagens interativas do ato educativo.

Portanto, tentaremos com o presente trabalho identificar *concepções de indisciplina e como professore e gestores as incorporam no cotidiano escolar e impactam na formação dos estudantes.*

Apresentaremos a necessidade de preparação de profissionais da educação em relação ao aluno indisciplinado, decorrendo do convívio escolar, ao observar que os alunos indisciplinados são tratados com indiferenças em relação aos demais, causando-lhes efeitos processo de aprendizagem.

Quando há indiferenças por parte do docente e, conseqüentemente pelos colegas, o aluno não produz um rendimento satisfatório e, além disso, atrapalha os colegas de classe.

Uma construção social do estigma, e com ela a pavimentação de um ambiente de julgamentos excludentes e reprovação, acrescido de apagamento do saber do indivíduo na condição de estigmatizado, pouco a contribuir na construção de conhecimento no espaço escolar.

Conhecer aspectos da indisciplina e suas principais facetas, como se manifesta, causas e consequências podem ser a alternativa principal para criar instrumentos que visam o atual quadro na escola.

As emoções estão presentes em todos os aspectos da atividade humana e são fatores importantes no processo de ensino/aprendizagem. Devemos dar especial atenção aos papéis que elas desempenham no desenvolvimento da inteligência.

Para HAIDT (2000, p. 55):

A escola é o local de encontros existenciais, da vivência das relações humanas e da veiculação e intercâmbio de valores e princípios de vida. Se, por um lado a matéria e o conteúdo do ensino, tão racional e cognitivamente assimilados, podem ser esquecidos, por outros, o “clima” das aulas, os fatos alegres ou tristes que nelas se sucederam os assuntos das conversas informais, as ideias expressas pelo professor e pelos colegas, a forma de agir e de se manifestar do professor, enfim, os momentos vividos juntos e os valores que foram veiculados nesse convívio, de forma implícita ou explícita, inconsciente ou conscientemente, tudo isso tende a ser lembrado pelo aluno durante o decorrer de sua vida e tende a marcar profundamente sua personalidade e nortear seu desenvolvimento posterior.

Há que se considerar que antes de compreender os conteúdos, os alunos precisam compreender o professor nas formas de comunicar-se, na metodologia aplicada, sem esquecer que o ensinar e o aprender desenvolvem-se no vínculo e a compreensão deve existir também por parte do professor em relação ao aluno.

Para Parrat-Dayan, 2015, o professor tem que fazer o papel de mediador entre as crianças para que elas aprendam a conviver entre seus pares. Além disso, depara-se até com a necessidade de ensinar as normas de conduta básicas, que deveriam vir da família.

Com certeza, educar é correr riscos, e não contribuiremos efetivamente para o desenvolvimento humano sem um percentual expressivo de envolvimento. Os pais e a escola, juntos, necessariamente precisam compreender que é através da via de afeto, de amor e de compreensão que acontece a verdadeira aprendizagem.

Para tanto, buscaremos desenvolver reflexões que pairam sobre o campo pedagógico no que diz respeito às interações professor-aluno, bem como ao que envolve relações mais amplas no ambiente escolar. Percebendo-as a partir da presença de algumas categorias, como a solidariedade e os afetos, numa correspondência que envolve instituições para além da

escola. Percurso que exige que olhemos para o ambiente em sua complexidade, problematizando as categorias que orbitam sobre essa realidade. E só a partir dessa historização é possível compreender mais amplamente conceitos e julgamentos que se colocam como fixos, naturalizados e, sobretudo, a-históricos.

E assim, partimos da hipótese de que as pré-noções acerca da indisciplina por parte dos profissionais de educação, apartada de seu viés sócio-histórico, determinam suas práticas didático-pedagógicas no espaço escolar, (re)produzindo efeitos de classificação e exclusão a partir da naturalização do estigma.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E HIPÓTESES

Este projeto de pesquisa traz como bússola investigativa uma problematização da categoria *indisciplina*, interpretando-a a luz de sua construção sócio-histórica, o que significa refutar posturas e “conceitos” cristalizados no ambiente escolar, e responsáveis pelo direcionamento didático-pedagógico em muitos desses espaços. É neste percurso que tomamos como hipótese a ideia de que, como a referida categoria (*indisciplina*) é apropriada responde, dentro dos aspectos pedagógicos presentes em nosso objeto de estudo, como critério e percepção de classificação e exclusão, envolvida na naturalização do estigma, comprometendo o complexo desenvolvimento e formação de estudantes.

3007

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção da categoria *indisciplina* no contexto dos profissionais de educação na escola municipal Alice Garcia Freire em Bom Jesus - RN, e seus desdobramentos na prática pedagógica do cotidiano escolar.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Problematizar a categoria social *indisciplina* enquanto fenômeno sociohistórico;
- Analisar a postura do professor diante uma percepção de *indisciplina*;
- Refletir acerca da pedagogia da escola em relação ao tema *indisciplina*;
- Analisar a construção social do/a estudante *indisciplinado/a*;
- Investigar a relação da *indisciplina* dos/as estudantes em seus contextos institucionais familiares e social.

2 JUSTIFICATIVA

O trabalho se propõe a compreender os motivos pelos quais ocorrem comportamentos considerados indisciplinados na sala de aula. Sabemos que a indisciplina discutida atualmente difere e muito daquela do passado próximo, na qual os alunos eram obrigados a ficar quietos durante toda aula. Disciplina atualmente remete a participação, a cooperação e envolvimento nas atividades em sala de aula, sendo seu oposto tratado como sinônimo de déficit de aprendizagem.

Trazer para problematização este fenômeno da indisciplina do ponto de vista científico crítico significa assumir uma análise reflexiva distante de qualquer julgamento moral e/ou reducionista. Para isso, busca-se tratá-lo enquanto categorial social no espaço escolar pedagógico, e que, portanto, envolve elementos relacionais e sociológicos. Para isso deve ser considerado o respectivo contexto sociocultural a que o aluno pertence, suas relações e implicações.

Pérez (2006, p. 150) provoca no sentido de dizer que:

O aluno é o personagem mais importante da escola, sem importar seu sexo, raça, família, cor, religião, aspecto, penteado, forma de vestir... Todos são iguais e, ao mesmo tempo, diferentes, com o direito e a obrigação de se realizar em plenitude.

Encontra-se em Parrat-Dayán (2015, p.15), ao pensar a indisciplina em suas múltiplas dimensões uma leitura mais direta e contextualizada com a condição do aluno.

O tema da indisciplina é complexo porque ela tem múltiplas causas, uma vez que articula várias dimensões. Além disso, assume formas diferentes em nossa sociedade atual, formas que não existiam em outras sociedades e em outros tempos. [...] Hoje, ela caracteriza-se por um desconhecimento das regras, o que leva a uma desorganização das relações.

Sabe-se da necessidade que hoje a escola tem da presença da família num projeto compartilhado de educação. No entanto, no contexto social em que a família dos estudantes de escola pública está inserida nota-se vulnerabilidades sociomateriais e um capital cultural desvalorizado, é que a limita em ações mais efetivas.

São problemáticas que se apresentam globalmente³ e necessitam de uma discussão permanente, na tentativa de pensar pedagogicamente a ideia de indisciplina e como pode ser incorporada a processos de criação, liberdade, expressão e crítica. Um repensar que provoca uma sensibilidade analítica de desconstrução e reinvenção.

³ No contexto brasileiro.

Uma centralidade de discussão científico/acadêmica e social que expõe sua relevância e urgência de trato teórico e empírico, e que apreendemos pela via da práxis.

Neste sentido, chama atenção o diálogo que aqui propomos entre os elementos pedagógicos com os sociológicos, tomando como ponto de reflexão a desnaturalização de comportamentos e performances sociais e humanas. Abordagens que nos autorizam a apresentar este projeto como relevante para o desenvolvimento de discussões futuras e de sua importância no campo da educação.

I MARCO METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Ao presente trabalho privilegiamos uma abordagem qualitativa, debruçando-se para uma confrontação com objeto empírico, e não abrindo mão do elemento da práxis. Para Diehl (2004 apud DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008, p.7), “a pesquisa qualitativa descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos”. Têm no universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes seu aprofundamento das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 21-22). Daí a relevância de se debruçar ao trabalho de campo numa investigação desta complexa realidade.

3009

Analisar e interpretar o objeto em sua complexidade, buscando, a partir dessa aproximação extrair o não dito, o não explícito. Trata-se de um trabalho de hermenêutica, sensível à exploração de componentes da subjetividade e sua mediação para a construção de princípios objetivos e responsáveis por ferramentas de interpretação e leitura da realidade social.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O referido trabalho terá como foco o desenvolvimento de um estudo de análise, visando realizar uma investigação acerca da categoria social indisciplina, pensada acerca do comportamento do sujeito aluno e, principalmente sua relação com a prática docente na Escola Municipal Alice Garcia Freire em Bom Jesus – RN. Para isso, será feito estudo de caso, materializando-se numa abordagem empírica, e alicerçada num viés qualitativo.

O método utilizado, em princípio, representa a intenção de tentar compreender o que pode estar por trás das atitudes dos alunos caracterizados como indisciplinados, mas preocupado em não lançar qualquer tipo de juízo de valor. Com tal cuidado metodológico será possível uma margem de segurança quanto às inferências.

Trata-se, ao mesmo tempo, de uma pesquisa exploratória e descritiva. Num primeiro momento será realizado um estudo que verse sobre as possíveis causas da indisciplina, apresentando-as em suas interfases com o espaço da família dos estudantes. Análises que servirão para descrever o movimento inerente ao nosso objeto.

Para Hair Junior et al (2005), a pesquisa exploratória é pertinente quando se quer buscar informações mais profundas sobre determinado assunto que tenha literatura escassa, não podendo assim os pesquisadores chegarem a uma afirmação básica sobre o problema em questão. A pesquisa descritiva, por sua vez, procura analisar de forma sucinta relações entre variáveis com o intuito de desvendar a ocorrência de determinado fenômeno em estudo, para isso, poderá conter registros a respeito do que foi observado, não podendo em hipótese alguma haver qualquer tipo de manipulação (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007). Desse modo, o procedimento técnico da pesquisa se dará por meio de uma pesquisa de campo, “alimentada” por bibliografias correspondentes que, segundo Gil (2010), precisa estar vinculada a materiais já existentes, tais como: livros, artigos, dissertações, periódicos, anais, documentos, entre outros, correspondendo assim como base de dados secundários.

3010

A referida pesquisa se constituirá de fontes primárias e secundárias, sendo as primeiras alcançadas a partir dos conteúdos extraídos pelo nosso objeto. Por outro lado, a pesquisa terá como fontes secundárias assuntos relacionados à indisciplina, desenvolvidos em pesquisas acadêmicas, livros, artigos, entre outros, que segundo Andrade (2010), retrata aquilo que já foi estudado.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

A Escola Municipal Alice Garcia Freire - Ensino Fundamental e EJA- está situada à Trav. Luiz Matias, nº 50, Centro, Bom Jesus/RN, e-mail alicegarciafreire@yahoo.com.br. Sendo essa, administrada pela Secretaria Municipal de Educação e jurisdicionada à 4ª DIREC - São Paulo do Potengi.

Financeiramente, a escola é mantida pela Prefeitura Municipal, bem como, pelos recursos oriundos do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, que

transfere esses bens para a instituição através do PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola, e PDE – Programa Desenvolvimento da Escola.

A escola Municipal Alice Garcia Freire está situada no município de Bom Jesus – RN, localizado na microrregião do Agreste Potiguar, com uma população estimada em 10.210 habitantes, em 2019, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com área territorial de 122 km².

Em 1975, através da Lei nº 28 de 10/12/1975, foi criado o Ginásio Municipal de Bom Jesus, sua primeira denominação, para atender a demanda de alunos do Ensino Fundamental das séries iniciais, a qual, até então se deslocava para cidades vizinhas.

No ano de 1976, pela Portaria nº 317/76 do GS, registrado em Diário Oficial deu-se a autorização de funcionamento deste Estabelecimento de Ensino, passando a chamar-se Escola de 1º Grau Municipal Alice Garcia Freire.

Com o crescimento eminente da cidade e de sua população, atendendo a Resolução nº 7/77 do Conselho Estadual de Educação, em 1981, a escola passa a atender alunos também, das séries finais do Ensino Fundamental. Desde essa data esta Instituição, chama-se Escola Municipal Alice Garcia Freire.

A partir de 2001, a escola oferece também, Educação de Jovens e Adultos, para atender a demanda de matrículas desta clientela crescente no município.

O nome **Alice Garcia Freire** é uma homenagem à mãe do Senhor Vinicius Garcia Freire que doou o terreno à prefeitura municipal para construção da Escola. Esta instituição tem como objetivo principal oferecer um ensino de qualidade, garantindo a participação ativa da comunidade escolar para a formação integral dos educandos, além de buscar a valorização do trabalho em equipe, com elevado senso de compromisso, seriedade e respeito, em todos os serviços que prestamos.

Esta instituição de ensino dispõe de onze salas de aula, dois banheiros (um masculino e um feminino), uma sala de leitura, uma sala para Secretaria, uma sala para Direção, uma sala para Professores, uma sala para almoxarifado, um banheiro para professores, uma cozinha com local para armazenar a merenda, dois banheiros para funcionários (um masculino e um feminino) e uma quadra de esportes com cobertura.

Atualmente, a Escola Municipal Alice Garcia Freire funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, ofertando Ensino Fundamental dos Anos Iniciais e Finais e Educação de Jovens e Adultos, com 28 turmas, sendo 09 de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais - 1º

ao 5º Ano no turno matutino; II de Ensino Fundamental dos Anos Finais - 6º ao 9º Ano no turno vespertino e 08 turmas de EJA – do 2º ao 5º período, no turno noturno. Ao todo, a escola atende a um público de 726 alunos.

A organização curricular é estruturada por disciplina, sendo: Base Nacional Comum e Parte Diversificada. A Parte Diversificada é composta pela disciplina de Língua Estrangeira tanto para o Ensino Fundamental quanto para a EJA.

A avaliação da aprendizagem dos educandos é feita por meio de registros de observações em sala de aula e avaliações formativas, resultando em notas bimestrais, seguindo orientações contidas nos Art. 73 e 74 do Regimento Escolar.

3.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA E CRITÉRIO DE INCLUSÃO

A pesquisa será realizada com uma amostra formada por 12 profissionais de educação do ensino fundamental anos iniciais da Escola Municipal Alice Garcia Freire em Bom Jesus-RN, sendo 10 professores, 1 coordenador pedagógico e o Gestor. O recorte nesses atores significa uma centralização naqueles que são os maiores responsáveis pela condução pedagógica e estruturação da realidade socializadora dos alunos.

Os critérios foram incluir todos os profissionais da Educação que atuam diretamente com alunos dos anos iniciais.

3012

3.5 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa serão levantadas questões que levam os profissionais da educação a refletirem sobre suas atitudes em relação aos alunos indisciplinados, em análise com o contexto social e histórico desses indivíduos. Mais que isso, a reflexão cairá, em grande medida, em seus discursos, sendo o substrato de nossas análises e problematização. Quais são os pressupostos que produziram esses discursos e interpretação acerca da categoria indisciplinada? Como pensar a alteridade a partir destas categorizações? E a percepção de educação e formação humana? Como essas apreensões estruturam a realidade cotidiana desses profissionais e do ambiente escolar?

Neste sentido, capitaremos como conteúdo de análise e matéria-prima intelectual, questionários, entrevistas e observação participante, e que nos caberá interpretação crítica e condução científica na produção de resultados. Adicionaremos a observação e a reflexão acerca dos comportamentos e performances do outro tipificado como indisciplinado.

3.6 RISCOS

Como inerente a toda pesquisa, os riscos compõem parte do trabalho, seja em seus aspectos objetivos como subjetivos. Como se trata de um trabalho que se alicerça em depoimentos e entrevistas há um risco de desvios, com informações incompletas ou parciais, no sentido de evitar falas que comprometam a imagem do objeto ou gere constrangimento político. Está num ambiente de maior solidariedade social incorre esses inconvenientes. Os juízos de valor também comprometem os resultados de uma pesquisa, mas que aqui nos preocupamos em contorná-los através de análises dos próprios discursos, apresentando-se também como fonte de estudos.

3.7 BENEFÍCIOS

Dentre os benefícios que se destacam está a contribuição no que se refere a uma desconstrução de verdades estabelecidas, bem como, a possibilidade de exercício reflexivo, associado a uma lógica dialética de confrontação, desconstrução e reconstrução. Síntese e movimento que deve estar presente no campo da ciência da educação, em respeito e cuidado com as contradições e avanços que acompanham o aprendizado e conhecimento humano.

3.8 DESFECHO PRIMÁRIO

Os resultados da pesquisa, respeitando suas etapas de “evolução” e maturação do saber nos apresentará alguns resultados prévios, mas que servirão como ponto de partida para análises mais amplas. Ao que se propõem a presente pesquisa, conhecer a realidade local do nosso objeto abre a possibilidade de crítica, atualização e apreensão de conhecimento, colocando-nos no exercício de avaliação e possível reconstrução de conceitos e categorias que em muitos casos se apresentaram como naturais e irrefutáveis.

3.9 TÉCNICA E ANÁLISE DOS DADOS

Por se tratar de uma pesquisa de viés qualitativo, extraindo da realidade concreta o conteúdo da problematização, e conseqüentemente, a aproximação com nosso objeto, o elemento hermenêutico será a fonte de produção epistemológica. Significa dizer que, as categorias de análises serão suspensas, no sentido de desconstrução e reconstrução, a partir de sua identificação histórica, portanto, analisadas por esse recorte de construção social.

Para Gil (2010) uma vez coletados os dados estes devem ser analisados, a fim de dar sustentação para as respostas ao problema proposto para a investigação, além disso, o autor relata que estes dados precisam ter uma interpretação mais ampla, que por sua vez, dependerá dos conhecimentos adquiridos anteriormente pelo pesquisador. Assim sendo, à análise empírica, adicionaremos a revisão bibliográfica do campo metodológico, produzindo, com isso um percurso analítico da práxis.

3.10 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA PESQUISA

Nossa preocupação nestes termos passa inicialmente pelo respeito às exigências da produção científica, o que envolve uma fidelidade teórico/metodológico.

Como a pesquisa envolve seres humanos, solicitaremos autorização dos docentes, mediante documento formal escrito, e assim prosseguir com a realização da proposta de estudo, o que nos garante maior segurança e credibilidade ao do percurso. Componentes que se fortalecem a postura de imparcialidade e respeito aos materiais que serão coletados, a saber, discursos, preocupando-se em reproduzi-los em suas integralidades. Apresentaremos também o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual será lido e entregue aos profissionais de educação que se propuserem em contribuir com a pesquisa. E por fim, disponibilizaremos este projeto para apreciação técnica acadêmica por meio da Plataforma Brasil.

3014

4 QUADRO TEÓRICO

4.1 A indisciplina

Todos nós somos conhecedores das dificuldades que a escola atual enfrenta diante da indisciplina de seus alunos. De acordo com Parrat-Dayán (2015, p. 7), os problemas de indisciplina manifestam-se com frequência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo. A maioria dos docentes não sabe como interpretar nem como enfrentar um ato de indisciplina.

Mantendo a mesma linha de pensamento, Lourenço acrescenta:

Atitude do educador nos dias em que vivemos; a busca da compreensão, do diálogo, da relação professor/aluno é fundamental para a superação da fragmentação, é preciso que o educador tenha uma visão de totalidade, um olhar abrangente, uma relação que só ganha respeito se na verdade existir o reconhecimento de que são necessários o diálogo, a interação e integridade como parte de uma efetiva disciplinaridade (LOURENÇO, 2007, p. 44).

É preciso admitir que as lacunas são “inevitáveis” ao explicar fenômenos e acontecimentos que parecem obedecer a ordens, regras e ditames superiores.

Assim considera-se importante uma reflexão sobre a indisciplina a partir dos mais variados enfoques, uma vez que a indisciplina do aluno pode ser consequência de diversas situações, e cada uma tem suas razões de existir e devem ser sempre revistas pelos educadores e pelos pais CHALITA (2000, p. 535).

Parrat-Dayan (2015, p. 9) considera que, as causas da indisciplina são múltiplas onde as regras morais e o conceito de indisciplina, muitas vezes estão mais nos contextos que a produzem do que no indivíduo.

De forma simplista, pode-se dizer que indisciplina é considerada ausência de disciplina. No conceito desta está à compreensão daquela.

Para Nereci, *apud* Giancaterino (2007, p. 90):

Disciplina representa a maneira de agir do indivíduo, em sentido de cooperação, bem como de respeito e acatamento às normas de convívio de uma comunidade. Em sentido didático, representa a maneira de agir do educando, no sentido de cooperação no desenvolvimento das atividades escolares e respeito pelos colegas.

A indisciplina é, portanto, contrário ao conceito de disciplina. Podendo-se inferir que a disciplina/indisciplina na escola é um fenômeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável quanto ela.

3015

Parrat-Dayan (2015, p. 8) conceitua que,

A indisciplina é uma infração ao regulamento interno, é uma falta de civilidade e um ataque às boas maneiras. Mas acima de tudo, a indisciplina é a manifestação de um conflito e ninguém está protegido de situações desse tipo. Essas dificuldades aparecem em todos os níveis de escolaridade.

Lembrando que a indisciplina aparece aqui sob todas as formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência dos pequenos grupos e expressam-se quer sob uma aparente submissão, quer por meio dos excessos de todos os tipos de manifestações.

Deve-se alertar sempre para cada situação indisciplinada, pois como nos mostra Parrat-Dayan (2015, p. 9),

A indisciplina na escola pode expressar, na realidade, alguma coisa para além do desejo de perturbar ou de ser indisciplinado. As vezes, ela apresenta a dificuldade do aluno para ser reconhecido, outras, é a expressão dos maus-tratos que recebe ou dos problemas familiares. Também pode ser expressão da crise econômica, das dívidas, do desemprego, dos pequenos espaços que, por desgraça, muitos têm por moradia. A violência que se produz dentro da escola é reflexo do que acontece na sociedade.

Com frequência, a indisciplina é uma manifestação de coeficientes de poder não adequadamente, levantar a mão e argumentar: “Professor, gostaria de pôr em questão nossa

relação, tendo em vista a percepção de que entramos em um processo de reconfiguração, no qual, minhas potencialidades ontológicas e epistemológicas estão sendo submetidas”. Contudo eles não conseguem viabilizar isto de uma maneira clara, mas vão manifestar de alguma forma que as coisas não vão bem Vasconcelos (2005 *apud* Giancaterino, 2007, p. 91),

É comum o aluno indisciplinado não ter concepção de transformação: São indisciplinados porque, entre outras coisas, não estão interessados no que a escola tem para lhes dar. Na verdade há uma série de interpretações que envolvem o comportamento do indisciplinado, algumas destas são identificadas como causas, cuja compreensão depende de uma exposição mais detalhada, como se pode ver a seguir.

4.2 Causas de Indisciplina na Escola

A opção por estudar a criança e as relações com seu meio é valiosa ferramenta para a compreensão de condutas individuais. Rejeitando a ideia do sujeito como uma realidade em si mesma, predeterminada ao sucesso ou fracasso, e também a do indivíduo passivo, simplesmente submetido às determinações das circunstâncias.

Neste sentido, Parrat-Dayan (2015, p. 8) conclui que:

De maneira geral, podemos dizer que o hoje se exige como disciplina escolar não é a mesma coisa que tradicionalmente se pedia nos colégios. [...] Em muitas situações as regras precisam de definições para negociar os limites do exigível, tanto em matéria de trabalho quanto de disciplina, o que é uma novidade no ambiente escolar. [...] É difícil imaginar uma escola sem disciplina. A disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras de conduta destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino. A disciplina não é um conceito negativo; ela permite autorizar, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que nossas ações têm consequências. [...] Ser disciplinado não é obedecer cegamente, é colocar a si próprio, regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar.

3016

Todavia, tem-se buscado o entendimento das condutas nas relações que se estabelecem entre o sujeito e o meio no qual elas se manifestam e na interação do sujeito com os outros meios, uma vez que este é o campo sobre o qual a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo é dele que retira os recursos para sua ação.

Wallow (1989, p. 389), em seu artigo sobre disciplina e perturbações do caráter, *apud* Giancaterino, (2007, p. 92) discute:

Os alunos que apresentam perturbações da conduta apontam diversas causas possíveis para esse tipo de situação e advertem para o fato de que não se pode explicar nenhuma conduta isolando-a do meio em que se manifesta. São necessárias, por um lado, informações sobre o meio familiar e o segmento social da criança e, por outro, informações sobre a interação da criança nas diversas situações escolares, obtidas por meio de observação do educador. Quanto a última, a origem pode estar na dinâmica da interação da criança com o grupo ou com o professor, dinâmica que, com frequência, alimenta as atitudes “inadequadas” e consolida alguns alunos no papel de “indisciplinados”. Pode estar também, em um desajuste (de natureza cognitiva ou psicomotora) das situações e exigências escolares às

possibilidades da criança, hipótese que obriga a uma reflexão permanente sobre a prática pedagógica.

A indisciplina na escola tem suas características próprias e só adquire significado em relação ao processo pedagógico em curso, devendo ser compreendida, levando-se em conta a função que desempenha nele. Só investigando o para quê da indisciplina, tornam-se inteligíveis o como e o porquê.

Por outro lado, acredita-se que aprender é construir representações pessoais dos conteúdos, que devem ser significativos para o aluno, contextualizados à sua realidade e relacionadas interdisciplinarmente. A aprendizagem só pode ser produzida a partir de um contato afetivo com os conteúdos.

Já dizia Monte (2007, p. 21):

Entendo que o amor não substitui a razão, mas a completa e equilibra, uma vez que a afetividade faz parte da constituição psíquica do ser humano [...] o desenvolvimento efetivo é a base para os demais desenvolvimentos da pessoa.

A indisciplina na escola é comum e freq. uente em praticamente todos os níveis, acentuando-se em determinadas faixas etárias; mas em qualquer tempo, as causas conhecidas são diversas.

Para os educadores atuais, o fenômeno da indisciplina apresenta-se como um novo desafio e eles tentam buscar, ainda que de modo impreciso e pouco efetivo, explicações para a existência de tal manifestação.

[...] é possível que indisciplina se passe à violência. Em todo caso, a criança que faz barulho, provoca desordem, ou, inclusive, comete atos de vandalismo poderia querer mostrar que existe. Parrat-Dayán (2015, p. 8).

Corroborando com a autora acima, a escola recebe alunos de todos os níveis, e muitas destes alunos desejam encontrar na escola o que não têm em casa e quando se deparam muitas vezes com a mesma situação de casa, se revoltam e buscam chamar a atenção de alguma forma e a mais comum é exatamente o ato indisciplinado, por saber que dessa forma chamará a atenção do adulto, mesmo que de forma contrária a desejada por ele (aluno).

Não adianta a escola desenvolver um trabalho se não tiver ressonância e continuidade na família. A disciplina na escola tem de ser construída por todos os elementos envolvidos, senão não dará frutos positivos.

Neste sentido Vasconcelos (2000), *apud* Giancaterino, (2007, p. 96) vai mais longe:

Há uma crise de objetivos e limites, há uma desorientação geral hoje na sociedade: quer se superar o velho, mas não se sabe como é o novo. Há crise de racionalidade, crise de projetos sociais, das utopias, do sentido para viver, crise

da autoridade em nível mundial, mudança no sentido (partido, igreja, família, escola, ciência) estão em crise. E a crise da indisciplina no contexto da pós-modernidade.

Vale lembrar também que a indisciplina dos alunos, é um problema que tem aumentado de gravidade nos últimos anos. Diversas investigações concluem que a indisciplina é o principal fator de estresse dos professores, o que urge a necessidade de encontrar mediadas que permitam prevenir e resolver as situações de indisciplina dos alunos.

Oliveira, em seu livro “Indisciplina Escolar – Determinações, Consequências e Ações”, foi impactante quando disse:

Não pretendo, aqui, adotar uma posição simplista e ingênua ditando normas ou regras que os professores e administradores devem seguir para solucionar o problema. Porém, se os professores tiverem clareza dos fatores que geram a indisciplina, poderão perceber o porquê das atitudes “desviantes” dos alunos, ou seja, conhecer as raízes dos problemas daqueles que são rotulados de indisciplinados, como também, fazer uma autorreflexão sobre sua prática frente a esse tipo de comportamento (OLIVEIRA, 2005, p. 49).

Pertinente ao assunto em tela tem-se a ideia de que não é tarefa simples minimizar ou até eliminar a indisciplina. A complexidade da sociedade, as novas condições familiares e sociais, o uso desordenado dos meios de comunicação, a explosão do acesso à internet e a aparelhos tecnológicos cada vez mais desenvolvidos e frequentes, sem limites e conscientização do uso adequado, a falta de estruturas melhores nas escolas, e principalmente a preparação adequada dos profissionais de educação, são obstáculos que prevalecem quando se trata da prevenção e do controle da indisciplina.

Martins, (1993), citado por Giancaterino, (2007, p. 98) ressalta:

O educador deve ter a perspicácia ao estabelecer normas disciplinares, demonstrando, em forma de conscientização, que são importantes para o próprio educando. As normas devem ser fornecidas com firmeza e as execuções das mesmas devem ser bem controladas. Nunca deve exigir o que o educando não tenha condições de cumprir, pois quando se exige o que é impossível, leva-se o educando a frustração ou a mentira. Ao estabelecerem-se normas, é bom fazê-lo tendo em mente o benefício do educando em vez do nosso, pois isso seria coação, e esta só é válida e aceita quando for ao encontro do interesse do educando.

Assim, considera-se importante uma reflexão sobre a indisciplina a partir dos mais variados enfoques, uma vez que a indisciplina do aluno pode ser consequência de diversas situações, e cada uma tem suas razões de existir e devem ser sempre vistas pelos educadores e pelos pais.

Segundo Giancaterino, (2007, p. 99):

Há casos em que a indisciplina extrapola o controle do professor e da escola. Estes transformam em extremos que podem acabar em punições para o aluno,

até mesmo com a expulsão, o que é negativo não apenas para o expulso, mas para o próprio estabelecimento, que tem como objetivo formar, preparando o cidadão do futuro para a vida e para a profissão. Aluno expulso é possibilidade de cidadão a menos. As punições não devem ser extremas na tentativa de combater a indisciplina.

A disciplina escolar é uma qualidade de relacionamento entre o corpo docente, alunos e, conseqüentemente, a escola. Muitas vezes a escola pode contribuir com a indisciplina pela indefinição de uma proposta educativa e pela falta de um projeto educativo. Neste sentido, Parrat-Dayan (2015, p. 14), afirma que o professor é confrontado com atos de indisciplina e, às vezes, de violência, não sabe o que fazer porque não pode prever as conseqüências da sua própria conduta.

A inexistência de uma clara definição de objetivos e metodologias de ensino, juntamente com a falta de comunicação e diálogo sobre os alunos, muitas vezes poderá refletir no seu próprio comportamento, uma vez que estes não conseguirão compreender o verdadeiro significado da escola.

Para Oliveira (2005, p 56):

Os profissionais da educação não podem esquecer de que o aluno não é um “vazio”, ele tem hábitos e atitudes que, por terem sido apreendidos no seu meio social e familiar, são aceitos por estes. E esse comportamento natural do aluno as vezes é considerado, pelos professores, como agressivo, grosseiro, rebelde, ou seja, 'sem modos'. Isso ocorre porque a criança comporta-se a seu modo dentro da escola e não conhece, ou não entende, certos princípios de ordem e exigências dessa instituição e, em contrapartida, o professor ignora a realidade do aluno.

Acredita-se que a “arma” mais eficiente na relação do professor com os alunos ainda é o diálogo. Quando o professor tem vocação para o desempenho de sua função, é capaz de agir com segurança, compreender os problemas do aluno e conseguir respeito, carinho e admiração deste. O professor deve buscar estratégias adequadas para resolver as situações de indisciplina dos alunos, por meio do trabalho em equipe e também individualmente.

Na mesma linha de pensamento, Oliveira (2005, p. 50) complementa:

Além de toda transformação histórico-social e das mudanças pedagógicas que interferiram na escola, nas atitudes dos professores e no comportamento de nossos alunos, ainda deparamo-nos com outros fatores determinados por essas condições, que prejudicam a relação professor/aluno e que, por vezes, acabam culminando em indisciplina. Esses fatores não atuam, necessariamente, com a mesma intensidade no comportamento da criança; alguns podem ser mais ou menos extremos conforme a circunstância e a realidade de cada aluno e de cada escola. Eles podem ser, ainda, internos ou externos a essa instituição.

O bom professor conhece as suas limitações e procura sempre apresentar sua aula com transparência. O professor amigo, compreensivo, consegue conter a maior parte da

indisciplina em sala de aula. Parrat-Dayan diz que se a indisciplina é uma prática social, ter disciplina para realizar algo não significa ser disciplinado em tudo.

Para penetrar em um mundo tão complexo como o do comportamento humano em uma sala de aula heterogênea, em um tempo em que fatores dos mais variados se impõem criando problemas de toda natureza que contribuem para a indisciplina, é preciso ser um “professor-povo”.

Uma visão mais ampla do professor em relação a tudo que cerca o aluno e a educação proporcionará compreensão e aceitação daquilo que não for pernicioso ao aluno. Conhecer os problemas faz com que o professor conviva melhor em sala de aula, sem atritos constantes, muitas vezes por banalidades ou pela necessidade de se impor como autoridade que tem de ser respeitada a qualquer custo.

Parrat-Dayan (2015, p. 22), diz o seguinte:

Se tomarmos o professor como ponto de referência, são suas condutas que aparecem como indisciplinadas quando ele não respeita as normas estabelecidas. Além do mais, muitas vezes a forma de intervir do professor para estabelecer ordem pode gerar indisciplina nos alunos. Indisciplina escolar não é um fenômeno estático nem um fenômeno abstrato que mantém sempre as mesmas características. As expressões da indisciplina são susceptíveis de mudanças em função da época e do contexto. Em cada caso é necessário questionar o grau da participação da escola na causa da indisciplina, e não assumir a posição ingênua e autoritária que sugere, sem fundamentos algum, que o problema reside e se origina na atitude do estudante.

Neste sentido, conforme as provocações teóricas e apreensões da *indisciplina nos lançamos* a partir deste estudo a produzir uma leitura crítica, ancorado nos elementos empíricos, a pensar os pressupostos históricos que perfazem a construção e julgamento do que vem ser a indisciplina, e como a partir desta apreensão a realidade é organizada no ambiente escolar. Um ordenamento que tende a reproduzir processos de exclusão e estigmas, o que, na prática trata-se de uma naturalização de violências simbólicas e silenciamento de corpos e suas múltiplas linguagens e expressões. Desnudar essa realidade é o que nos conduz em nossos objetivos e lançamentos das hipóteses, e na confrontação com o real teremos nossas respostas e reflexões.

5. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

ETAPAS	2022			
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre
Elaboração preliminar da problemática de pesquisa			X	
Levantamento de bibliografia			X	
Revisão bibliográfica				X
Elaboração do projeto				X
Depósito do projeto na Plataforma Brasil				X

ETAPAS	2023			
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre
Imersão ao campo de pesquisa		X		
Aplicação de questionários e entrevistas		X		
Análise dos dados coletados		X		
Desenvolvimento da dissertação		X	X	
Defesa da dissertação				X

6. ORÇAMENTO

Identificação do Orçamento	Tipo	Valor em reais (R\$)
Cartuchos para impressora	Custeio	95,00
Papel A 4 (1 resma)	Custeio	26,50
Cópias xerografadas (250 unidades)	Custeio	175,00
Transporte (combustível)	Custeio	322,85

Total em reais (R\$) 619,35

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor: A contribuição das Histórias Universais para a Formação de Valores das Novas Gerações** - São Paulo: Editora Gente, 2000.

GIANCATERINO, Roberto. **Escola, Professor, Aluno...** Os participantes do processo educacional. São Paulo, 2007.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAIDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral**. São Paulo, Ática, 2000.

HAIR, Jr., Joseph F; BABIN, Barry; MONEY, Arthur H; SAMOUEL, Phillip. Fundamentos de métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LOURENÇO, Manoel Bergström Filho. **Organização e Administração Escolar Curso básico** – 8ª edição (reproduz o texto da 5ª edição de 1970). Brasília – inep/MEC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde / The knowledge challenge**. São Paulo; HUCITEC; 8 ed; 2004. 269 p.

MONTE, Serrat Fernando. **Emoção, Afeto e Amor: Ingredientes do Processo Educativo** – São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2007.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina Escolar: Determinantes, Consequências e Ações**. Maria Izete de Oliveira. - Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 135 p.

PÉREZ, Escalarin Antônio. **Educar para Humanizar**- São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTANA, Maria da Conceição e GARCEZ, Dorotéia Martins. **A Importância da Afetividade na Educação**. Natal, 15 de setembro de 2003.

SILVIA, Parrat-Dayan. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. Como enfrentar a indisciplina na escola. Silvia Parrat-Dayan. 2. Ed., 2ª Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.